



UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA
CURSO DE ESPECIALIZAÇÃO FUNDAMENTOS DA EDUCAÇÃO:
PRÁTICAS PEDAGÓGICA INTERDISCIPLINARIDADE

MARIA DAS GRAÇAS PINTO

LEITURA E ESCRITA: DO IMAGINÁRIO À FORMAÇÃO DO LEITOR

ITAPORANGA –PB

2014

MARIA DAS GRAÇAS PINTO

LEITURA E ESCRITA: DO IMAGINÁRIO À FORMAÇÃO DO LEITOR

Monografia apresentada ao Curso de Especialização Fundamentos da Educação: Práticas Pedagógicas Interdisciplinaridade da Universidade Estadual da Paraíba em convênio com a Escola de Serviço público da Paraíba em cumprimento à exigência para obtenção do título de especialista, sob a orientação do prof.Ms. Adalberto Teixeira Rodrigues.

Itaporanga –PB

2014

É expressamente proibida a comercialização deste documento, tanto na forma impressa como eletrônica. Sua reprodução total ou parcial é permitida exclusivamente para fins acadêmicos e científicos, desde que na reprodução figure a identificação do autor, título, instituição e ano da dissertação.

P659I Pinto, Maria das Graças.
Leitura e escrita [manuscrito] : do imaginário à formação do leitor / Maria das Graças Pinto. - 2014.
46 p. : il. color.

Digitado.
Monografia (Teoria da História e Metodologia do Ensino da História EAD) - Universidade Estadual da Paraíba, Pró-Reitoria de Ensino Médio, Técnico e Educação à Distância, 2014.
"Orientação: Prof. Me. Adalberto Teixeira Rodrigues, Pós Graduação".

1. Leitura. 2. Escrita. 3. Letramento literário. I. Título.
21. ed. CDD 372.4

Maria das Graças Pinto

LEITURA E ESCRITA: DO IMAGINÁRIO À FORMAÇÃO DO LEITOR

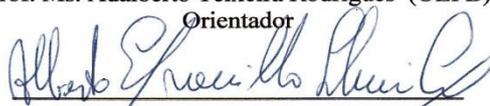
Monografia apresentada ao Curso de Especialização Fundamentos da Educação: Práticas Pedagógicas Interdisciplinares da Universidade Estadual da Paraíba, em convênio com Escola de Serviço Público do Estado da Paraíba, em cumprimento à exigência para obtenção do grau de especialista.

FOLHA DE APROVAÇÃO

Aprovada em: 06/12/2014 .



Prof. Ms. Adalberto Teixeira Rodrigues (UEPB)
Orientador



Prof. Ms. Alberto Edvanildo S. Coura (UEPB)
Examinador



Prof.^a Ms. Soraya Maria Barros de Almeida Brandão (UEPB)
Examinadora

ITAPORANGA – PB
2014

DEDICATÓRIA

Trabalho dedicado a todos e todas que lutam e buscam meios para melhorar a educação pública; em especial ao Governo da Paraíba por nos proporcionar a oportunidade de inovar os conhecimentos através da formação continuada, demonstrando assim interesse e compromisso com a administração pública.

AGRADECIMENTOS

A Deus autor e criador da vida, razão maior da existência humana, pela concessão do dom da vitória, implantando no íntimo de cada ser, a vontade maior de vencer desafios e superar obstáculos.

À minha família, em especial a minha mãe dona Josefa que aos 91 anos compreende a minha ausência e aceita a luz do quartoacesa madrugada afora nos meus momentos de encontro com os vários sujeitos presentes nos livros e com as minhas loucuras de lutar por um mundo melhor.

A todos e todas da UEPB, especialmente aos professores que não mediram esforços para se deslocarem até Itaporanga e partilharem conosco conhecimentos e incentivo buscando nos ajudar e motivar para que possamos sonhar com educação de qualidade.

À comunidade escolar Dr. Felizardo Leite, especialmente aos alunos e alunas que conosco partilham sonhos e angústias, mas nos permitem acreditar que somos capazes, sem vocês este projeto não seria viável.

Ao meu orientador, professor Ms. Adalberto Teixeira Rodrigues, que muito me incentivou, sem a sua contribuição não seria possível essa conquista. Meu muito obrigada.

Aos colegas de curso e todos que direta ou indiretamente me ajudaram. Especialmente a Francimária Florentino de Souza, ex-aluna e atualmente colega de profissão e amiga, pessoa que muito se dedica a cauda da educação.

RESUMO

Considerando que o processo de leitura e escrita tem suscitado muitas discussões e que acompanha a vida dos sujeitos nas suas vivências sociais, as práticas de sala de aula devem articular a leitura e a produção de texto em contextos diversificados de letramento literário, embora se possa observar que isso nem sempre acontece na prática. Considera-se ainda que a escola assim como a literatura tem função social e coloca o as pessoas como sujeitos atuantes nas comunidades nas quais estão inseridos. Nessa perspectiva, como abordagem metodológica, inicialmente passamos a observar os alunos do 7º ano turma A da E.E.E. F Dr. Felizardo Leite, na cidade de Santana dos Garrotes PB. Nesse sentido, buscou-se identificar as dificuldades de leitura e escrita no espaço da sala de aula. Observou-se o comportamento dos alunos e ouviram-se relatos, depois realizamos entrevistas através da aplicação de questionamentos e percebemos que as dificuldades encontradas na turma poderiam ser superadas com atividades motivadoras. Assim passamos a atuar com estratégias focadas para o processo de letramento em especial letramento literário de maneira a desenvolver competências e habilidades de leitura e escrita nos alunos por meio de estratégias específicas, principalmente com aulas dialogadas com utilização de recursos midiáticos e pesquisa de campo no entorno da escola, observando e dialogando a questão do letramento.

ABSTRACT

Whereas the process of reading and writing has raised many discussions and follows the lives of the subjects from beginning to end, classroom practices should articulate reading and text production in different contexts of literary literacy although one can note that this does not always happen in practice, and whereas the school as well as the literature has a social function and places the subject as acting subject in the community where it operates. From this perspective as a methodological approach, initially spent observing the students from the 7th grade class The EEA F dr. Milk lucky, in Santana of tourniquets PB. Accordingly sought to identify the difficulties of reading and writing in the classroom space. Observing the behavior of students and heard reports after interviews conducted by applying questions and realized that the difficulties encountered in the classroom could be overcome with motivational activities, so we work with strategies focused to the literacy process in particular literary literacy so that develop skills and reading and writing skills in students through specific strategies mainly dialogued classes with the use of media resources and field research surrounding the school observing and talking the issue of literacy.

SUMÁRIO

CAPITULO I.....	09
1. FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA.....	09
1.1 REFLEXÃO A CERCA DE LETRAMENTO.....	13
1.2 A EXPERIÊNCIA DO LETRAMENTO LITERÁRIO.....	18
CAPÍTULO II.....	21
2.OBJETO DA PESQUISA.....	21
2.1TEXTO LITERÁRIO NA SALA DE AULA.....	22
2.2A LEITURA DO ALUNO E AS IMPRESSÕES REGISTRADAS.....	24
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	30
REFERÊNCIAS	

INTRODUÇÃO

Esse projeto visa ser instrumento de pesquisa ação na perspectiva de contribuir para a formação do aluno/aluna leitor/leitora, partindo do pressuposto de que embora sendo a leitura essencial, no processo ensino aprendizagem, percebemos que neste aspecto a escola tem fracassado. No entanto, com relação à escrita, não tem sido diferente. Tomando por base o que nos diz Paulo Freire (1989, 16) “se compreendemos a ação de ler de modo amplo, observaremos que ele se caracteriza, fundamentalmente, pelas relações entre o sujeito e o mundo que o cerca”.

Isso posto, faz-se necessário que embora tente a escola tem fracassado no tocante à formação do aluno/aluna leitor/leitora, como produtor de texto. É, pois, nessa perspectiva que pretendemos desenvolver esse projeto na E.E.E.F DR. Felizardo Leite na cidade de Santana dos Garrotes PB, como estímulo ao desenvolvimento de competências e habilidades leitora, e, por conseguinte incentivar os alunos do 7º ano turma A, turno manhã, a melhor produzir textos independente do tipo e do gênero. Adotaremos a linha de pesquisa ação e foi motivado pela necessidade de criar na escola um espaço um ambiente agradável à prática de leitura e escrita. Sabemos que nas últimas décadas muitas têm sido as pesquisas abordando a temática, entretanto sempre nos deparamos com o mesmo dilema: Por que alunos/alunas concluem a Educação Básica sem o domínio de leitura e escrita? Visando responder a essa e tantas outras indagações passamos a observar o comportamento dos alunos/alunas da turma supra mencionada e sentimos que embora sem motivação os alunos/alunas apresentam vontade de aprender. Começamos com a aplicação de um questionário simples e detectamos que o problema não está apenas na escola, mas a família também não tem incentiva à leitura. Temos convicção de que realizando um trabalho de incentivo na escola, estaremos ajudando a mesma a cumprir o seu papel social, ou seja daremos um passo rumo a uma escola onde sujeitos ensinam e aprendem leitura e escrita de maneira prazerosa.

Nesse sentido o projeto contém um estudo sobre leitura e escrita, fruto da exigência do curso: Fundamentos da Educação: práticas pedagógicas interdisciplinares da UEPB, para a obtenção do título de especialista, e, se configura como proposta interessante, uma vez que contribuirá pra a formação do aluno/aluna leitor/leitora. Mas sabemos que os sujeitos envolvidos no projeto poderão atuar como multiplicadores

dentro e fora da escola. Acreditamos também que o projeto poderá servir de estímulo para outros professores e demais sujeitos que atuam na comunidade escolar.

Sabemos que o processo de leitura e escrita tem ocupado espaço, tanto no campo teórico como prático. No entanto ainda padece de ação concreta e eficaz. Entretanto, por vivermos no espaço globalizado, tecnológico, e imediatista precisamos também atentar para outras leituras escritas tão presentes no cotidiano dos alunos/alunas, como por exemplo as novas tecnologias, as redes mundiais de computadores com as quais eles/elas lidam muito bem, demonstrando habilidades bem maior que os professores/professoras. Observamos ainda que há uma multiplicidade de material escrito, mas é preciso ler além do que está escrito nos meios midiáticos. Portanto é nosso papel enquanto escola contribuir para que esses garotos e garotas sejam capazes de transitar livremente com todos esses recursos melhorando a leitura no cotidiano escolar e assim sendo destacaremos a valorização da leitura como fonte de prazer para aquisição de conhecimento, que por sua vez contribuirá com a formação da consciência cidadã e os vários tipos e gêneros textuais e tornar-se-ão quem sabe leitores proficientes e como todo bom leitor produzirão textos de forma natural.

Nesse contexto nos ensina Paulo Freire (1989, p.?) que “a leitura de mudo precede a leitura da palavra, daí a posterior leitura deste não passa prescindir da continuidade da leitura daquele”, uma vez que ela seria a ponte para o progresso educacional eficiente, proporcionando a formação integral do aluno/aluna. Sabemos também que grande parte do conhecimento humano se dá por intermédio da leitura; por isso pensamos ser necessário estimulá-la continuamente, pois ler significa aprender a conhecer, interpretar, decifrar, contextualizar e distinguir elementos fundamentais para melhorar a qualidade do ensino e conseqüentemente a qualidade da vida em sociedade. Nessa perspectiva se faz necessário observar ainda quena escola, num espaço chamado sala de aula, sejam criadas oportunidades nas quais os alunos/alunas sintam a necessidade de ler e produzir textos. Assim o ato de leitura e escrita deixará de ser apenas um ato de treino de pronúncia e ortografia e passará a ser uma atividade prazerosa através da qual os sujeitos envolvidos nesse espaço dialogarão com os outros sujeitos dentro e fora da escola.

Podemos considerar, portanto numa perspectiva utópica que leitura e escrita são uma via de mão dupla e que para melhor compreender precisamos abordar determinados aspectos com os quais temos lidado enquanto professores, por isso temos falhado na formação de alunos/alunas leitores leitoras. Na verdade muito se limita as aulas de

língua portuguesa a leituras superficiais com respostas que não ajudam, mas sim limitam o universo dos alunos/alunas. Muitas vezes nos sentimos donos do saber e ao invés de estimular os nossos alunos/alunas rotulamos, talvez sem ter a devida consciência de que somos para eles/elas referências de afetividade, visto que atualmente precisamos entender que boa parte dos meninos e meninas que chegam à escola padecem de carinho no meio familiar e muitos os que lutam por sobrevivência e chegado a escola precisam de afeto, compreensão e estímulo positivo, porque a vida já lhes parece cruel. Mas nós mergulhados em nossas muitas atividades diárias, não lhes damos a devida atenção. Outro aspecto a ser considerado é o tempo que tem nossos alunos/alunas para se dedicarem aos livros. Também é interessante mencionar que a relação professor aluno no mundo contemporâneo é diferente, a história passada entre esses sujeitos é muito diferente. Nós professores já fomos submetidos a uma história anterior que estabelecia o controle do saber embora saibamos que não condiz muito com a veracidade dos fatos. Sabemos que a aprendizagem de leitura e escrita não se dá apenas por relação de controle e estímulo, mas a modificação de relações de leitura já existente no universo de cada sujeito, por isso devemos enquanto escola propor atividades para mediar o conhecimento prévio dos alunos /alunas.

Objetivamos investigar meios capazes de despertar na comunidade escolar mecanismos de aprendizagem para a prática de leitura e escrita oferecendo aos alunos envolvidos no projeto caminhos que possibilitem o despertar para as atividades de leitura e escrita em condições favoráveis ao processo de aprendizagem, motivando-os no ambiente escolar à leitura e escrita como mecanismos de acesso à informação e aprendizagem;

O presente trabalho justifica-se porque temos observado em nossa trajetória profissional nos ambientes escolares, especialmente nas conversas com colegas professores nas aulas departamentais e nos intervalos que os alunos/alunas não sabem e ou não gostam de ler. Porém observando o desempenho dos alunos do 7º ano turma A, turno manhã da E.E.E.F Leite na cidade de Santana dos Garrotes, constatamos que em parte os professores tinham razão, mas aceitamos o desafio e passamos a observar e acompanhar esse grupo de alunos e procurar as causas de tantos discursos do tipo “ os meninos não querem aprender”, “os alunos não gostam de ler”, “a família não acompanha” , a “escola não pode fazer nada”. Outro aspecto observado foi: porque pessoas concluem a educação básica e não dominam leitura e escrita.

Pensamos que para desenvolver tais habilidades se faz necessário criar na comunidade escolar espaços favoráveis para essa prática; sendo salutar elencar que para ser um bom produtor de texto é fundamental ser um bom leitor.

A natureza da vertente metodológica dessa pesquisa seguiu uma abordagem de pesquisa ação. Com essa perspectiva adotamos procedimentos metodológicos como aplicação de questionários com alunos do ensino fundamental II para termos uma noção mais aproximada da realidade quanto ao aspecto de leitura e produção textual. Realização de rodas de conversa com os alunos/alunas participantes sobre a importância do ato de ler e compreender o sentido da leitura. Realizamos reuniões com os participantes para a escolha de livros e textos a serem analisados e estudados e debatidos contextualizando com situações vivenciadas no dia a dia escolar.

O contato inicial com os alunos se deu no início do ano letivo de 2014 e constituiu-se na necessidade de apresentação do projeto de intervenção tendo em vista que não foi difícil perceber as dificuldades de leitura e escrita por eles apresentadas, a partir das respostas dos questionários então notamos que todos mostraram interesse em participar do projeto e escolhemos livros e textos de e temas forma espontânea e passamos a organizar aulas dinâmicas e discussões informais com os alunos em sala de aula, realizamos aula de campo observando a questão do letramento no entorno da escola e também recital com essas atividades montamos o cronograma de atividades com os alunos do 7º ano turma A turno manhã da E.E.F Dr. Felizardo Leite em Santana dos Garrotes PB.

Por se tratar de pesquisa ação percebemos que desenvolver atividades colaborativas estimula os participantes a interagir com eficácia no processo de ensinar e aprender de maneira prazerosa fazendo com todos se sentam valorizados e com capacidade para desenvolver suas potencialidades, muitas vezes adormecida exatamente pela falta de estímulo.

1. FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

Sabemos que através da leitura somos capazes de “viajar o mundo”, assim como adentrar no íntimo de quem escreve, no entanto temos observado com frequência que embora seja função primordial da escola desenvolver habilidades de leitura e escrita, a mesma não tem contribuído muito com a formação de alunos leitores o mesmo acontecendo com o processo de produção textual, porém também temos conhecimento de que em determinadas escolas existe experiências exitosas neste aspecto, entretanto compreendemos que muito podemos fazer para melhorar as atividades de leitura e escrita isso naturalmente acontece quando entendemos que leitura e escrita pode ser considerada uma via de mão dupla, ou seja, para escrever bem se faz necessário ser um bom leitor, issono sentido de ler e compreender, bem como escrever pensando na capacidade de interpretação do leitor, embora em se tratando de leitura no Brasil precisamos também compreender a diversidade lingüística e cultural dos vários falares existentes no nosso imenso país. Isso posto precisamos aprender a respeitar todas as variantes lingüísticas em cada grupo e ou comunidade de falantes.

Fazendo uma leitura dos Referenciais Curriculares de Língua Portuguesa para o Ensino Médio do Estado da Paraíba, passamos a compreender que o papel do professor da referida disciplina no contexto da ação docente envolve necessariamente, a reflexão sobre o projeto político pedagógico da escola, contexto esse que cada escola precisa refletir a luz das orientações apresentados no documento e principalmente discutidas, compreendidas e (re) significadas, porém na prática do cotidiano escolar isso nem sempre acontechaja visto que é comum encontrarmos pessoas que concluíram a educação básica e não são capazes de ler e interpretar de forma segura nem tampouco produzir um texto independente da modalidade ainda segundo os referenciais em foco o trabalho com a educação lingüística, tarefa da escola, consiste em promover situações de aprendizagem que favoreçam ao educando o domínio ativo crítico e contextualizado das variedades de prestígio e o desenvolvimento de atitudes de respeito à diversidade e de rejeição aos vários tipos de preconceito e de exclusão social pela linguagem. Ora se na prática docente essa tória fundamental fosse aplicada com certeza teríamos resultados mais positivos nos ambientes escolares. Sabemos que é importante respeitar

as variantes lingüísticas, porém não se justifica uma pessoa ficar onze anos para concluir a educação básica e não dominar leitura e escrita.

De acordo com Isabel Solé (1998), é possível assistir com certa regularidade à reedição do eterno debate sobre os métodos através dos quais se ensina as crianças a ler, a discussão em torno da idade em que deve ser iniciada a instrução formal em leitura ou sobre os aspectos indicadores de uma leitura eficaz. Concordo com o pensamento da autora e dentro dessa ótica contextual a mesma acrescenta:

Considero que o problema da leitura na escola não se situa no nível do método, mas na própria conceitualização da leitura da forma como é avaliada pelos professores, do papel que ocupam no Projeto Curricular da Escola, dos meios que se arbitram para favorecê-la e, naturalmente das propostas metodológicas que se adotam para ensiná-las. Estas propostas não representam o único nem o primeiro aspecto; considerá-las de forma exclusiva equivaleria, na minha opinião a começar a construção da casa pelo telhado (SOLÉ, 1998, p. 33).

É possível perceber nessa citação que segundo a autora ainda não temos acertado na metodologia para orientar leitura em nossas escolas, todavia, porém é importante ressaltar que existe na Legislação que rege a Educação Básica no Brasil certa vontade de acertar e, entretanto, o problema vai além da legislação porque enquanto não adotarmos políticas públicas concretas para a valorização da educação e essas políticas perpassam pela condição salarial do professor que normalmente se vê obrigado a trabalhar em mais de uma unidade escolar para sobreviver, por testes vocacionais ou seja deve atuar em sala de aula que se identifica com a profissão ou seja não basta estar professor precisa ser professor.

Observando o aspecto legal a partir da LDBEN (Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional) Lei federal de nº 9.394/96 mais especificamente em seu artigo 32, parágrafo 3º e artigo 36, inciso I vamos encontrar que o ensino da língua materna é necessário para o ensino fundamental e médio, porém não se fala nesse documento nada a respeito da educação infantil. Entretanto os Parâmetros Curriculares Nacionais – PCNs para a Educação Infantil, que se trata de documento oficial do Ministério da Educação, neste documento há um volume basicamente dedicado ao ensino de habilidades de linguagem, incluindo leitura e escrita, o que nos faz perceber que a língua materna tem espaço também nessa modalidade de ensino. Muitos podem perguntar para que citar a LDBEN e os PCNs da Educação Infantil, se estamos pesquisando sobre leitura e escrita. Ora para que possamos refletir a luz da legislação sobre a prática pedagógica no tocante

as habilidades e competências no âmbito das nossas escolas. Com projeto em questão não queremos procurar culpados, menos ainda buscar soluções mágicas para o objeto em estudo, mas se entender porquê de tantos alunos concluírem a Educação Básica sem no entanto dominar leitura e escrita. Acreditamos ser válido elencar que são muitos os programas do governo federal com abrangência em todo território nacional como o PNBE (Programa Nacional de Bibliotecas na Escola), PNDL (Programa Nacional do Livro Didático), entre outros e no entanto o resultado do PISA (Programa Internacional de Avaliação de Alunos), O SEAB (Programa Nacional de Avaliação da Educação Básica) O ANA (Avaliação Nacional da Alfabetização) bem como dados fornecidos pelo INAF (Indicador Nacional de Alfabetismo Funcional) apontam para resultados não satisfatório do ponto de vista do processo de leitura e da escrita.

Discorrendo ainda sobre legislação observando especificamente o artigo 21 inciso I da LDBEN encontramos – A Educação Básica formada pela Educação Infantil, Ensino Fundamental e Médio. Nesse contexto a referida Lei em seus artigos(29-31); diz que a educação infantil oferecida em creches e pré escolas compreende a formação da criança até os cinco anos; já educação fundamental artigos(32-34); atualmente modificados pela Lei 11.272/2006 diz que o ensino fundamental é composto de no mínimo nove anos escolares; o ensino médio artigos(35-36) a chamada etapa final da “educação básica” deve ter no mínimo três anos de duração, ora não pretendemos nos aprofundar na legislação, mas contudo fazendo um cálculo mental rápido percebemos que a instituição escolar tem exatamente 15 anos para orientar o processo de leitura e escrita isso naturalmente sem elencar a possibilidade de reprovação; logo a pergunta básica é: Será que a escola tem cumprido a sua função quanto ao processo de ensino e aprendizagem especialmente no tocante as habilidades e competências de leitura e escrita? Para responder a essa e tantas outras inquietações precisamos beber em outras fontes seja do ponto de vista do conhecimento empírico e ou científico para tentar encontrar a o x da questão perpassando inclusive por aspectos de natureza social, cultural, histórica e antropológica. Ou será o problema apenas de natureza educacional? Se por leitura e escrita compreendermos se tratar de um processo com significação profunda e transformadora, que exige de nós ação subjetiva, visão de mundo e pesquisa ação; vejamos o que nos diz Paulo Freire (1984, p11) “ o ato de ler não se esgota na decodificação pura da palavra escrita, mas se antecipa e se alonga a inteligência de mundo” analisando a visão freiriana podemos compreender que cabe a escola respeitar e trabalhar a leitura de mundo que o aluno traz consigo principalmente através da

oralidade, embora esse possa não ter domínio da norma culta da língua nem tampouco a escrita. Todos nós passamos por esse processo ou seja; chegamos à escola com desenvoltura oral. E assim sendo podemos compreender leitura para além da denominação do código escrito.

1.1.REFLEXÃO A CERCA DE LETRAMENTO.

Ao longo do tempo temos observado que é vasta a teoria a cerca de leitura e escrita na escola especialmente na educação básica, no entanto sempre nos deparamos com o mesmo dilema, muitos professores comentam que os alunos/alunas não gostam ou não sabem ler, pelo menos é isso que sempre escutamos nos corredores das escolas, nas rodas de conversa e mais especificamente no intervalo na sala dos professores. Diante do expostos resolvemos adentrar o universo da E.E.E. F. Dr. Felizardo Leite na cidade de Santana dos Garrotes PB e pesquisar o porquê de tanta inquietação e perguntas sem respostas na perspectiva de tentar conhecer de perto a real situação quanto ao processo de leitura e escrita na referida escola resolvemos trabalhar com a turma do 7º ano A, turno manhã, nesse sentido aplicamos um questionário simples com perguntas básicas sobre leitura, nossa intenção a principio foi tentar identificar na prática o porque de tantas falas negativas sobre a aprendizagem em leitura e escrita.

Assim, para além da definição de leitura e escrita como hábito e prazer procuramos conhecer o conceito de letramento por ser esse normalmente confundido com leitura portanto procurar compreender o conceito de letramento foi um outro ponto de inquietação durante a pesquisa em particular letramento literário. Para melhor compreender tal conceito recorremos aCosson(2006), o mesmo diz que o corpo linguagem, o corpo palavra e o corpo escrita encontra na literatura seu mais perfeito exercício. A literatura não apenas tem palavras em sua constituição material, como também a escrita é seu veículo predominante. Observando e tentando compreender por essa ótica contextual podemos dizer que faz sentido o pensamento do autor ainda nesse contexto o ele diz que é no exercício da leitura e da escrita dos textos literáriosque se desenvolve a arbitrariedade das regras impostas pelos discursos padronizados da sociedade letrada e se constrói um mundo próprio de se fazer dono da linguagem que, sendo minha é também de todos. Se o autor menciona a linguagem como sendo de todos podemos então evidenciar que leitura e escrita elevam o letramento a outro patamar de

reflexão e discussão crítica, ou seja, precisamos compreender letramento como uma necessidade do mundo contemporâneo, visto que linguagem oral e escrita se encontram presentes nas diferentes atividades próprias das áreas que constituem o currículo escolar. Portanto precisamos compreender o letramento é trabalhado dentro e fora de ambientes escolares por necessidade humana.

Mas como o contexto de letramento tem repercutido no ambiente escolar e mais especificamente no espaço sala de aula? Como a prática de letramento são efetuadas a partir da visão de professores e alunos? A partir dessas indagações precisamos compreender que a literatura produz conhecimento, não porque esteja na escola, porque dá conta de épocas geográficas e estilo de vida que não vivemos, mas que tem estreita relação com o que somos, portanto além de dizer o que somos segundo Casson(2006) é a literatura uma experiência a ser realizada. É também mais que um conhecimento a ser reelaborado do outro em mim sem renúncia da minha própria identidade ainda segundo o mesmo autor. No exercício da literatura podemos romper limites do tempo e do espaço da nossa experiência e ainda assim sermos nós mesmos. Nessa reflexão a cerca do letramento literário é importante elencar que essa visão ultrapassa os limites da nossa imaginação e nos faz sonhar com o universo escolar totalmente letrado e todas as pessoas envolvidas entendendo o que é de fato é letramento e os nossos alunos e professores lendo e escrevendo de forma prazerosa.

Na perspectiva de ampliar a reflexão a cerca do letramento literário mencionar mais uma vez o que nos ensina Casson(2006). Segundo ele a literatura serve tanto para ensinar a ler e escrever, quanto para formar culturalmente o indivíduo (...) tem sido assim com o ensino da literatura em nossas escolas, que no ensino fundamental, tem a função de sustentar a formação do leitor e no ensino médio, integrar esse leitor a cultura brasileira, se constituindo em alguns currículos uma disciplina a parte da Língua Portuguesa. O pensamento do autor tem muito sentido, no entanto precisamos reconhecer que a escola tem falhado e muito, no tocante a formação do aluno leitor.

Sabemos que a escola precisa estimular e muito a leitura, assim como o letramento. Mais uma vez nos diz Cosson, (2006, p??), “ Não é possível aceitar que a simples atividade de leitura seja considerada atividade escolar literária. Apenas ler é a face mais visível da resistência do processo de letramento literário na escola”. Precisamos concordar com o pensamento do autor porque os nossos alunos não estão saído letrados da escola. O mesmo autor ainda acrescenta que ler é um ato solitário, mas a interpretação é um ato solidário.

Uma das melhores contribuições no campo da produção teórica brasileira a cerca de letramento é a contribuição de Cosson (2006) que, nos aponta um aparato teórico, assim como estratégia metodológica partindo de práticas observadas em suas pesquisas o que nos ajuda e muito a melhorar também a nossa prática no tocante ao letramento literário.

Ainda segundo Cosson (2006), o letramento literário precisa acompanhar, por um lado as três etapas básicas do processo de leitura – antecipação, decifração do código e interpretação – e, por outro, o saber literário interligado a uma função humanizadora da literatura. Para o autor a linguagem literária compreende três tipos de aprendizagem. A saber: a aprendizagem da literatura que se dá por meio da experiência estética do mundo por meio das palavras, instigando os sentidos, sentimentos e a intimidade, visto que há uma relação tátil, visual, emocional do leitor com o texto. A aprendizagem sobre literatura, envolvendo os conhecimentos de história, crítica e teoria; fruto do didatismo nos currículos escolares e a aprendizagem por meio da literatura, que está relacionada aos saberes e habilidades de cada usuário de acordo com a prática de leitura de cada um e de acordo com seu universo cultural.

1.2 A EXPERIÊNCIA DO LETRAMENTO LITERÁRIO.

Sabemos que a literatura tem um papel fundamental a cumprir na sala de aula, ele está sempre presente, principalmente quando o seu ensino é adequado ao contexto da turma, assim sendo aprendemos a ler de modo fluente, nas relações estabelecidas em sociedade e nas trocas de aprendizagens promovidas na escola. Nesta perspectiva, portanto considerando a escola como agência de letramento elencaremos a experiência com letramento literário a partir da visão de Cosson (2006, p. 26) ao afirmar que

Não é possível que a simples atividade de leitura seja considerada a atividade escolar da leitura literária. Na verdade, apenas ler é a face mais visível da resistência do processo de letramento literário na escola. Por trás dele encontram-se pressuposições sobre leitura e literatura que por pertencerem ao senso comum, não são sequer verbalizadas. Daí a pergunta honesta e o estranhamento quando se coloca a necessidade de se ir além da simples leitura do texto literário quando se deseja promover o letramento literário.

Seguindo essa linha de raciocínio, compreendemos que o letramento literário perpassa os muros da escola e adentra o universo do leitor isso se entendermos leitura

como espaço de interação, “como prática social” claro a leitura será mais proveitosa quanto maior for as preocupações e desafios que essa possa dirigir ao leitor, isto se compreendido como sujeito ativo do ato de ler. Assim o letramento literário na escola deve considerar algumas questões como: Que concepções de leitura tem norteado o trabalho com o texto na sala de aula? Como trabalhar o letramento literário do ponto de vista social sem que esse perca seu poder transcendente? Qual o papel do professor frente ao letramento literário? Na visão de Cosson(2006), o professor é o intermediário entre o livro e o aluno, seu leitor final. Os livros que ele lê ou leu são os que terminam invariavelmente nas mãos dos alunos. Explicando por exemplo a permanência de certos livros no repertório escolar por décadas. Diante do exposto como se pode selecionar os livros para o letramento literário?

Na tentativa de responder tal indagação precisamos compreender que a qualificação do professor pode não ter proporcionado a ele o contato com a literatura tanto quanto deveria, assim sendo é necessário repensar a formação inicial e continuada, de modo que o processo de formação docente seja construído e reconstruído em favor de uma nova postura pedagógica que inclua, com frequência a leitura de texto literário nas diversas modalidades de ensino para oportunizar o letramento literário primeiro ao professor, para que este oportunize seus alunos. Cosson (2006) discorre sobre as críticas recebidas pelo cânone, a seleção das obras literárias que tem seguido as mais variadas direções, inclusive segundo o autor há aquela que ignora as discussões recentes e mantém o cânone incólume. Há professores que a seguem e parecem acreditar que há uma essencialidade nas obras canônicas e que não pode ser questionada. Porém sabemos que na visão do autor já mencionado essas obras trazem os ensinamentos que transcendem o tempo e o espaço e demandam uma profundidade de leitura fundamental para o homem que se quer letrado. É segundo Cosson (2006), essa uma das razões pela qual temos formado alunos com pouca leitura e também professores. Portanto registro aqui o desejo de fazer uma reflexão mais profunda sobre os desafios e as possibilidades de leitura literária na formação de alunos leitores na perspectiva de letramento. É importante mencionar que as discussões não se esgotam muito pelo contrário instigam a outras leituras e pesquisas.

Precisamos compreender que para promover o letramento literário na sala de aula se faz necessário diferenciar o letramento do ponto de vista do senso comum, com o que nos diz a teoria através de experiências promovida por pesquisadores assim como outros relatos que ouvimos, creio que há um grande engano no tocante ao termo é

pensar que os livros falam por si só ao leitor, bem como imaginar que só se aprende a ler na escola. Muitos bons leitores não freqüentaram escolas e no entanto, os livros ocupam bastante espaço em suas vidas. Mas pergunto: porque a escola precisa se ocupar da leitura literária? Provavelmente porque a leitura fora da escola está condicionada a nossa maneira de agir conforme o que ela nos ensinou. De acordo com Cosson (2006), é impossível expressar o que sentimos quando lemos, os sentimentos despertados pelo texto literário inefáveis que não existe palavras para expressá-los. Portanto a leitura literária é um processo de comunicação que demanda respostas do leitor. Podendo esse penetrar no texto de diferentes maneiras e explorá-lo sob os mais variados aspectos – sócias, cognitivos, afetivos estéticos enfim ninguém nasce sabendo ou gostando de ler; de acordo com a necessidade aprende-se a gostar! Entretanto a simples leitura não garante crítica, fruição ou prazer, nem as fichas de leitura, as interpretações muitas vezes meramente classificatórias; os resumos as vezes confundem mais do que esclarecem o horizonte do leitor.

Seria interessante pensar que o segredo da literatura é exatamente o envolvimento que ela nos dá num mundo feito de palavras. Portanto cabe a escola oportunizar o máximo as potencialidades que esse tipo de texto propicia para que o aluno encontre na literatura uma busca plana de sentido para ele e para o contexto social no qual está inserido. Porém observamos que há uma ausência quase total de leitura literária, enquanto objeto de ensino com o exercício de reflexão e consciência crítica isso nos referimos ao espaço da escola observada.

CAPITULO II

2. O OBJETO DA PESQUISA

Sabemos que a prática da literatura consiste exatamente numa exploração de potencialidades da linguagem, da palavra e da escrita. Se observarmos bem percebemos que ela nos diz o que somos e ainda nos incentiva a desejar e a expressar o mundo por nós mesmos, e isso se dá porque sabemos que a literatura é uma experiência que se realiza, posto que uma leitura literária nunca é mesma quando lemos o texto por mais de uma vez sempre encontramos significados diferentes. Segundo Cosson (2006) a literatura serve tanto para ensinar a ler e escrever quanto para formar culturalmente o indivíduo. Foi assim com o latim, e o grego antigos, cujo ensino se apoiava em texto da Era Clássica, para o aprendizado dessas línguas de uso restrito e para o conhecimento produzido nelas. Tem sido assim com o ensino da literatura em nossas escolas, que, no ensino fundamental, tem a função de sustentar a formação do leitor e, no ensino médio, integrar esse leitor à cultura brasileira, constituindo-se, em alguns currículos, uma disciplina à parte da Língua Portuguesa.

Dessa fruição elencada acima vale salientar que no âmbito da escola observada infelizmente nem para isso tem servido a literatura, visto que não há na sala de aula a contextualização necessária principalmente por parte dos professores visto que estes limitam as aulas de língua portuguesa apenas tão somente a gramática totalmente descontextualizada da visão de leitura e literatura que temos no mundo atual e dentro das novas práticas pedagógicas. Temos conhecimento de que o texto literário pode levar o leitor a identificação com os personagens, culturas, aspectos históricos e sociais, assim como visitar épocas, espaços e costumes totalmente diferentes, quando bem trabalhados na sala de aula pode o leitor também se identificar com personagens em sua realidade e com o conhecimento bem mais amplo sobre a comunidade onde habita e passar a ter um olhar crítico sobre a organização do seu habitat. Mas repito no âmbito da escola observada a literatura não tem tido esse papel.

De acordo com Cosson (2006) no ensino fundamental tem um sentido tão extenso que engloba qualquer texto escrito que apresente parentesco com a ficção e a poesia. E acrescenta que o limite na verdade, não é dado por esse parentesco, mas sim pela temática e pela linguagem: “ambos devem ser compatíveis com o interesse da criança, do professor e da escola, preferencialmente na ordem inversa”. Porém o que

temos observando ao longo da pesquisa é que na escola em foco isso não acontece, muito pelo contrário os meninos não precisam ser orientados porque a biblioteca precisa está sempre organizada. Outro aspecto observado é falta de leitura por parte da equipe da escola como um todo, assim sendo estimular os alunos da turma trabalhada foi a tarefa difícil encontrada durante a pesquisa, porém conseguimos avançar um pouco.

2.1 O TEXTO LITERÁRIO NA SALA DE AULA

Compreendemos a leitura como espaço de interação, como “prática social” e quanto mais instigado mais o aluno se sente desafiado a ler. No entanto para que isso aconteça principalmente em se tratando de texto literário no espaço sala de aula precisamos levantar algumas questões como a de perceber que na realidade na escola observada isso não está acontecendo é válido salientar que o perfil do aluno de hoje se dá da seguinte maneira: a leitura será bem mais proveitosa quando ele (aluno) se sentir provocado e desafiado isto se o aluno for compreendido como sujeito ativo do ato de ler e conseqüentemente um bom produtor de texto. Ainda seguindo essa linha de raciocínio do espaço sala de aula levantamos as seguintes indagações que concepções de leitura e literatura norteiam o trabalho dos professores com o texto na sala de aula? Como a leitura está sendo trabalhada socialmente sem que ela perca o seu poder transcendente? Qual tem sido o papel do aluno frente ao texto?

Essas e outras questões que surgem à medida que o texto passa a circular na sala de aula, observando a realidade de que com ele seja realizado um trabalho que vá além da simples leitura e a realização de exercícios meramente decorativos, do tipo exercício de fixação, visto que a maioria dos alunos da escola observada só tem contato com o livro na escola visto que muitos advêm de famílias sem a devida estrutura. Caberia a escola mais especificamente aos professores não esquecer do seu papel e sala de aula passasse a contribuir com a acessibilidade dos bens culturais aos – entre eles a leitura literária – por parte de todos.

Infelizmente a escola observada não tem trabalhado na sala de aula com o texto literário dentro da perspectiva de formar aluno leitor e porconseqüente produtor de texto. Segundo Colomer (2007), a comunicação literária se produz desde o início e o que progride é a capacidade de construir um sentido através dos caminhos assinalados. Isso sustenta a idéia educativa de que

A formação leitora deve se dirigir desde o começo ao diálogo entre indivíduo e Cultura, ao uso da literatura para comparar-se a si mesmo com esses horizontes de vozes, e não para saber analisar a construção do artifício como um objetivo em si mesmo, tal como assinalamos antes. O trabalho escolar sobre as obras deve orientar-se, pois para a tarefa do seu sentido global, a estrutura simbólica onde o leitor pode projetar-se. A literatura oferece então a ocasião de exercitar-se nessa experiência e aumenta a capacidade de entender o mundo (COLOMER,)2007,p. 62.)

Observando a visão da autora percebemos que a leitura literária é um processo que envolve principalmente o diálogo assim como relações dialógicas e é exatamente essas relações que tem sido negada pelas práticas docentes baseadas em tradições de que por exemplo embora o aluno não tenha domínio da leitura esse não pode ficar retido na mesma série porque o sistema não permite reprovação. Ora isso tem acontecido com frequência e fica muito difícil alfabetizar alunos nas séries finais do ensino fundamental. Portanto foi possível sentir que para mudar esse quadro e tornar concreto o ensino da literatura, se faz necessário que os professores sejam leitores críticos e conheçam ou encontrem métodos para trabalharem efetivamente o texto literário na sala de aula de maneira a obterem bons resultados primeiro para a sua própria prática, que por exemplo poderia ser discussão sobre a importância da literatura em suas vidas, seja a literatura canonizada ou não, rever as suas práticas de leitura como formador de opinião, conhecer novas maneira de se trabalhar a leitura inclusive a leitura que os alunos fazem nas redes sócias ou seja a escola deveria propor a construção da leitura com significados, especialmente para a vida dos alunos que advém das mais diversas camadas sociais.

Ainda segundo Colomer(2007) a ideia de que não “se chega” um dia a literatura, mas que desfruta e que se aprende no presente, e a ideia de que há objetivos comuns ao longo das etapas educativas. Ao contrário do que se diz frequentemente, não se aprende a gostar no primário e se adquirem conhecimentos no secundário, por exemplo. O tipo de conhecimentos, leituras ou intensidades previstos na escola podem ser distintos, mas qualquer docente deve ter presente que desde a etapa infantil até o final do secundário todos jogam na mesma equipe e que os objetivos perseguidos, inclusive os métodos, apresentam- ou deveriam apresentar uma grande unidade de ação. Concordo plenamente com o pensamento da autora, no entanto não é esse pensamento condizente com a prática escolar, pelo menos na escola observada. Pois se assim fosse, não estaríamos iniciando o processo de leitura e escrita com os alunos do 7º ano turma “A”.

A autora supra mencionada nos indaga: Como pode ajudar a escola no progresso da competência literária? O que se espera que mude no olhar dos alunos, atrás dessa viagem imaginária? A cada ano as classes se enchem de novos estudantes, que vemos partir no fim do período escolar. Antes de pensar em qualquer tipo de programação ou atividade, vale a pena deter-se para refletir sobre aspectos nos quais se espera que sejam mais competentes, ou seja mais capazes de interpretar as obras literárias que lêem depois que se forem. Pensamento correto o da autora, porém a realidade de muitos alunos quando deixam a educação básica todos conhecemos, mas o nosso medo e ou covardia não nos permite realizar um trabalho docente de qualidade, justificando-se inclusive o grande número de analfabetos funcionais que deixam as escolas a cada ano letivo assim como sabemos os caminhos que muitos enveredam e que muitas vezes são caminhos sem volta. Precisamos urgentemente mudar a concepção de ensino saindo da teoria e adentrar no aspecto prático propriamente dito, ou seja trabalhar leitura e escrita em todas as etapas para formarmos cidadãos e cidadãs livres capazes de ler o mundo a sua volta e nele e com ele interagir.

2.2. A LEITURA DOS ALUNOS E AS IMPRESSÕES REGISTRADAS.

Atualmente são inúmeros os fatores que influenciam o sucesso ou o fracasso dos alunos na escola. Dentre esses fatores, consideramos um como central à aquisição de habilidades de leitura e escrita no início do processo de escolarização, no entanto temos observado que embora seja fundamental a leitura e escrita não tem sido abordada como deveria principalmente os textos literários e ou chamado letramento na visão de Keliman(1995) a compreensão do texto parece ser uma tarefa difícil, porque o próprio objeto a ser compreendido é complexo, ou alternativamente, porque não conseguimos relacionar o objeto a um todo maior que o torne coerente, ou ainda porque o objeto parece indistinto, com tantas e variadas dimensões que não sabemos por onde começar a aprendê-lo. Assim sendo precisamos concordar com a autora se passarmos a relatar o que de fato tem acontecido com os alunos no atual contexto da E.E.E.F Dr. Felizardo Leite mas especificamente com os alunos da turma que passamos a observar com um olhar mais específico para compreender as tantas dificuldades que os mesmos apresentavam nas questões de leitura e escrita, ao conversar com a turma pela primeira vez percebemos que embora estando no sétimo ano do ensino fundamental os mesmos sentiam muitas dificuldades, alguns não sabendo mesmo diferenciar gêneros e tipos

textuais, outros sem saber ler mesmo, esse foi o impacto encontrado como avançar com eles sem no entanto causar constrangimento, não seria possível acompanhar a turma cometendo os mesmos erros (Claro aqui não pretendemos mencionar culpados; os alunos na verdade entendemos estarem na condição de vítimas de um sistema que não permite reprovação para não onerar o estado, professores sem muita preocupação com a aprendizagem do aluno e na maioria das vezes fazendo uma falsa leitura da própria legislação com a idéia fixa de promover os alunos mesmos que estes não dominem os conteúdos da série que no nosso entendimento é pré requisito para aprovação e ou promoção dos alunos, foi constrangedor e impactante nos depararmos com essa cruel realidade, daí me veio a ideia de dialogar honestamente com a turma e instigá-los a fazer compreender que todos seriam capazes de aprender. Então começamos o diálogo sabatinando a turma e para nossa surpresa a turma aceitou o desafio e entramos num novo tempo.

Iniciamos o trabalho com a turma mais recorremos mais uma vez a teoria posta em prática por entendermos que o incentivo a leitura e escrita é uma questão que precisa ser muito debatida principalmente no espaço onde é diagnosticado o problema ora se o problema estava apenas com os alunos não tenhamos certeza até porque até que se prove o contrário não podemos afirmar nada, mas apenas e tão somente buscar soluções. Foi nesta perspectiva que começamos a sabatar os alunos vocês tem idéia de como se aprende a ler e eles respondiam lendo, a escrever escrevendo, a pensar, pensando. Foi então estabelecido na sala de aula pesquisada um ambiente de confiança e respeito, relação necessária para todo e qualquer trabalho docente. A partir daí passamos a realizar planejamento de ações que contribuíram para o desenvolvimento da turma. Elaboramos um questionário simples e pelas respostas percebemos que realmente o nível de leitura da turma estava muita abaixo, se consideramos por nível de leitura o que nos diz Kleiman (1995) que a compreensão de um texto é um processo que se caracteriza pela utilização do conhecimento prévio: o leitor utiliza na leitura o que ele já sabe, o conhecimento adquirido ao longo da vida, esse não era o caso da turma por serem adolescentes entre 12, 13 e 14 anos, isso não quer dizer que eles não tivessem leitura de mundo, mais em menor escala do que a autora nos diz. Por termos consciência da necessidade de bem trabalhar a autoestima dos alunos começamos através da leitura de imagem em data show visto que esse é instrumento tecnológico do qual os alunos embora sabendo da existência não estavam habituados a sua utilização em sala de aula. Outro aspecto relevante foi sem sobra de dúvida a promoção do debate para que os

próprios alunos sentissem a necessidade de melhorar o nível de leitura para na seqüência passarem a escrever melhor sendo protagonistas da sua própria história.

Por se tratar de um projeto de pesquisa ação não queremos parar as atividades embora os frutos já estejam sendo colhidos, porque esses alunos que no início do ano letivo não eram capazes de ler pequenas frases, hoje já participam de recital de poesia, utilizam o celular para realizar pesquisa e falam em público, assim como produzem textos não no formato ideal, mas com o nível bem superior ao do início do ano letivo. Mas para chegar no ponto que os alunos do 7º ano estão hoje foi necessário muito diálogo e motivação. Para elencar e validar o exposto nesse texto anexaremos entrevistas realizadas com os alunos ate e depois da atuação do projeto pesquisa ação, assim como alguns depoimentos por eles escritos de maneira espontânea. Podemos sem sobra de duvide mencionar que o projeto mudou o cenário assim como o perfil dos alunos inclusive na freqüência á sala de aula se observarmos a fala de uma das alunas da sala por questões ética o nome será preservado, mas uma aluno que não respondia nem a chamada disse:

Quando a professora chegou eu não gostei, não gostava de leitura, também não sabia escrever direito, por isso eu faltava muito, depois foi notando que ler não é tão chato é que eu tinha vergonha da turma porque eu não sabia ler direito e então achava melhor não vir no dia das aulas de português, agora que eu leio melhor quero ser professora.

Vale a pena pensar que se faz necessária uma formação específica para os professores principalmente os professores de Língua Portuguesa, que pararam no tempo e no espaço e limitam o ensino a gramáticasem no entanto trabalhar as diversas formas de leitura presentes no cotidiano dos alunos inclusive a utilização de recursos tecnológicos visto que devemos não tê-los como nossos inimigos, mas como aliados no processo de ensino e aprendizagem. Segundo Cosson (2006), não é difícil perceber que, guardadas as diferenças de contextos e objetivos, as pesquisas indicam que há várias semelhanças nas atividades realizadas nas aulas de literatura em todos os espaços escolares, porém no caso específico da escola em foco é lamentável dizer que leitura e escrita não são levadas a sério, porém podemos constatar que quando estimulado os alunos são capazes de ultrapassar os limites dos discursos de professores que infelizmente pararam no tempo e no espaço e ainda se deleitam nos discursos afirmando que os alunos não querem aprender.

A convivência com a turma nos fez entender que na verdade a escola por onde eles passaram não havia lhes dado a orientação necessária para a aquisição de habilidades e competências leitora, não respeitando inclusive o contexto de vida dos alunos assim como não lhes ofereceu uma visão ampla sobre a importância dos conteúdos trabalhados como sendo parte integrante de uma educação voltada para o desenvolvimento do ser que se configura na formação do sujeito leitor capaz de se posicionar no mundo de forma crítica, isso nos dá a condição de fragilidade da escola fundamentada na razão do discurso do sistema educacional vigente. Na perspectiva de mudar essa dura realidade observada na turma mais especificamente na sala de aula procuramos entrevistar os alunos sobre como se dava as suas práticas de leitura dentro e fora da escola assim sendo apresentamos os resultados, a turma possui 18 alunos e eis os resultados:

Para as perguntas:

Você gosta de ler? 100% dos alunos responderam que não. Quando perguntamos porque vocês não gostam de ler? Veio a resposta esperada porque ler é chato e tira o tempo de brincar. Insistimos com as perguntas; em casa quem ler mais seu pai, sua mãe ou seus irmãos? Ninguém tem tempo para isso não, ler uma coisa muito chata, tenho preguiça, não gosto e como vocês chegaram no sétimo ano? Há fomos passando somos ruins, assim os professores nos passaram, porque nós dávamos muito trabalho. Esse era o perfil da turma no início, atualmente a turma tem outra visão de leitura e alguns até já falam em público.

Devemos salientar que não foi tarefa fácil, mas por acreditar que somos capazes de mudar realidades no momento atual a turma registra outras impressões de leitura e escrita e já falam com prazer sobre o ato de ler, sabemos que há dívida com esses alunos, mas temos consciência de que foi dado o primeiro passo e muitos outros virão visto que essa turma não se deixará iludir pelo discurso de que não são capazes de aprender

CONSIDERAÇÕES FINAIS

As reflexões até aqui realizadas sobre o processo de leitura e escrita no tocante ao letramento literário no âmbito da E.E.E.F Dr. Felizardo Leite, na cidade de Santana dos Garrotes PB, mas especificamente com a turma do 7º ano turno manhã levam a crer que na verdade o problema da falta de leitura na escola não está centrado apenas no aluno, mas principalmente na falta de preparação por parte de alguns professores que não atuam com o compromisso e respeito que os alunos precisam e merecem ter. Compreendemos a partir da observação e estudo realizado durante a pesquisa ação que as práticas de leitura quando bem utilizadas levam o aluno a desenvolver a proficiência em leitura. Sabemos que há limitações por parte dos alunos, mas também há inadequação pedagógica e descontextualização, assim como fragmentação do ensino da língua portuguesa em nossa escola. Entendemos que a escola pode e deve oferecer ensino de melhor qualidade tendo em vista a quantidade de recursos que encontramos nesse espaço, não se admite que em pleno século XXI, ainda se limite a ensinar a língua materna apenas no aspecto cognitivo, negando ao aluno a sua capacidade de ser um bom leitor e um bom produtor de texto visto que a leitura é pré requisito básico para a produção de texto independente do tipo e do gênero.

Sem sombra de dúvida precisamos assumir uma postura frente à leitura literária que oportunize o aluno o gosto e o prazer pela leitura. Podemos dizer ainda que essa reflexão remete a importância por parte da escola na escolha do professor de Língua Portuguesa, pois se os saberes docentes são produzidos em diferentes instâncias precisamos entender que os alunos também têm seus saberes mesmo antes de chegar a escola. Precisamos como sujeitos da educação ter as preocupações de formar alunos leitores inclusive dando o exemplo, quando assim acontecer quebraremos o paradigma historicamente construído de que a escola pública não tem qualidade. Cabe ao professor melhorar a sua prática pedagógica inclusive com a preocupação de se preparar utilizando teorias e estratégias sobre leitura e escrita ajudando o aluno a refletir mais sobre o ensino da língua materna e se posicionando como sujeito histórico e responsável pela sua atuação seja no contexto da escola seja no contexto social onde está inserido.

É visível que quando saímos do campo teórico e começamos a mudar a prática docente o resultado da aprendizagem é diferente o aluno se sente valorizado e capaz de aprender, em fim diante do uso efetivo de estratégias e planejamentos respeitando o conhecimento prévio do aluno, bem como o ritmo de cada

um, podemos vislumbrar leitores literários que não só entendem o que o texto quer dizer, mas também a importância que a literatura tem na vida e no contexto social.

Podemos no entanto, concluir que o objetivo maior do processo de leitura e escrita na sala de aula em consonância com o letramento literário quando bem trabalhado é capaz de nos formar leitor, não um leitor qualquer, mas um leitor capaz de se inserir em uma comunidade, manusear seus instrumentos culturais e construir com eles um sentido para si e para o mundo em que vive. “ [...] A literatura não apenas tem a palavra em sua constituição material, como também a escrita material, como também a escrita e seu veículo predominante. A prática da literatura, seja pela leitura, seja pela escrita, consiste exatamente em uma das potencialidades da linguagem da palavra e da escrita, que não tem paralelo em outra atividade humana (COSSON, 2006.16). Vale elencar que a ausência da leitura literária, enquanto objeto de estudo e ensino no âmbito da escola observada tem deixado lacunas quanto ao exercício de reflexão e de formação de consciência crítica no entanto não podemos e nem devemos atribuir a culpa somente ao aluno por tal lacuna, pois no ambiente escolar, sobretudo na sala de aula, o uso dos textos literários tem sido tem sido ineficaz e ineficiente, estando limitado e fragmentado puramente a questões pragmáticas e de ensinamentos didáticos e desconsidera as principais características e função social, visto que a leitura literária numa proposta de letramento tem por meta ajudar o aluno e também o professor a ler melhor a si mesmo, aos outros e ao mundo através da conexão texto-leitor, texto-texto e os acontecimentos do mundo.

REFERÊNCIAS

Brasil, lei de Diretrizes e Base da educação nacional. Lei nº 9.396/96 Rido de Janeiro. Esplanada 1988.

Brasil, Secretaria de Educação Fundamental. B 823 p. ParâmentosCurriculares Nacionais; língua Portuguesa/ Secretaria da Educação Fundamental – Brasília 144p. 1997.

COLOMER, T. Andar entre livros: a leitura literária na escola. São Paulo; Global 2007.

COSSON, R. Letramento literário: teoria e prática. São Paulo: Contexto, 2006.

FREIRE, Paulo, pedagogia da Autonomia: saberes necessários a prática educativa: São Paulo: Paz e Terra; 1996 (Coleção leitura)

KLEIMAN. Ângela, texto e leitor – aspectos cognitivos da leitura: Campinas:Pontes 1995.

Paraíba Secretaria de Estado da Educação. Referências Curriculares para o Ensino Médio da Paraíba: linguagens , Códigos e suas Tecnologias/ Girleide Medeiros de Almeida Monteiro (Coordenação geral) João Pessoa: [s n], 2006. 296 p

SOLÉ, Isabel. Estratégias de Leitura/ Isabel Solé, trad. CláudiaSchinglin – 6 ed- Porto Alegre; Artmed, 1998.

Anexos

Atividades realizadas durante a realização da pesquisa.





1. Dinâmica de Abertura.

Dialogamos com os alunos sobre a importância de ler por prazer e na seqüência sabatinamos os alunos do 7º ano turma A com as seguintes indagações: Como aprendemos a ler, respostas dos alunos lendo; escrever escrevendo, pensar pensando. Foi nesse clima de dialogo que falamos da importância de se trabalhar um projeto para que todos pudessemos aprender os alunos gostaram da idéia então apliquei um questionário com perguntas simples sobre leitura, após ler atentamente todas as respostas chegamos a conclusão que seria viável trabalhar o projeto Leitura e Escrita do Imaginário a Formação do Leitor.



2. Oficina de Leitura.

Através de slides, utilizando data show e promovendo leitura oral compartilhada, assim como promovendo o debate sobre gêneros e tipos textuais os alunos pouco a pouco estão melhorando tanto a oralidade quanto a produção de texto, embora tenhamos consciência que trata-se de um trabalho gradativo e seqüenciado.

As imagens podem dizer muito, mas o importante é saber que despertar no aluno o gosto pela leitura é preponderante para o desenvolvimento da cidadania e a construção do conhecimento.

3. Independente do projeto temos incentivado a leitura de textos assim como, através do dialogo na sala de aula e também temos procurado motivar os alunos estimulando a leitura e orientando-os para que aprendam a utilizar os meios tecnológicos visando buscarem conhecimentos, nesta perspectiva preparamos uma palestra sobre Sexualidade e DSTs/ AIDS podemos observar que as imagens demonstra o interesse dos alunos sobre as diversas leituras, que podemos trazer para as aulas de Língua Portuguesa nos fotos temos um público maior porque essa atividade foi realizada no auditória da EEEM Dr. Felizardo Teotonio Dantas e os alunos do Ensino Médio participaram, assim como funcionários da escola.



Figura 1 Palestra sobre Sexualidade DST/AIDS



Figura 2 Inteiração com outros membros da comunidade escolar.

4. Aula expositiva e dialogada com utilização de recursos midiáticos e exposição de imagens impressas dialogando com os alunos sobre a importância de saber diferenciar gênero e tipologia textual, embora sabendo que até entre os mais renomados teóricos da lingüística há bastante confusão sobre o temas, porém com apresentação de telas e conversando sobre o tema parece-me ter ficado clara para os alunos a diferença pelo menos do ponto de vista de vida prática, a produção textual dos alunos para essa atividade segue anexa e este relatório.



Figura 3 momento de inteiração

Nessas fotos estávamos fazendo a interação através do dialogo sobre a importância de dialogar com os diversos tipos de texto com os quais convivemos e precisamos contextualizar para que possamos aprimorar o conhecimento.

5. Momento de aprendizagem significativa durante a execução do projeto, os alunos atentos, ouvindo as explicações sobre tipos de texto e depois realizando produção individual.



Figura 4 Orientando produção textual.



Figura 5 Os alunos realizando atividades de escrita.

Pesquisa de Campo realizada com os alunos/ alunas observando o letramento no entorno da escola.



Figura 6 pesquisa de campo sobre letramento no entorno da escola.



Figura 7 alunos ouvindo observações sobre as siglas.



Figura 8 Alunos atentos fazendo anotações durante pesquisa.



Figura 9 a pesquisa de campo



Figura 10 exposição sobre comunicação .

. A atenção dos alunos /alunas, assim como o envolvimento dos mesmos nas atividades do projeto, nos faz acreditar que é possível superar expectativas, durante a pesquisa de campo observando o letramento no entorno da escola o aluno José Helderlan conversou com comerciante José Moraes que fez uma relato sobre a importância de estudar e aprender.



11. Aluno entrevistando membro da comunidade.



Figura 12 Alunos visitando comércio.



Figura 13 pesquisa de campo.



Figura 14 dramatização



Figura 15 Exposição sobre dramatização

•

A dramatização foi criada pelos alunos com a orientação da professora, cujo o texto focaliza a importância do ato de ler.

9. Imagens Do recital com poemas e poesias do poeta José Chagas.

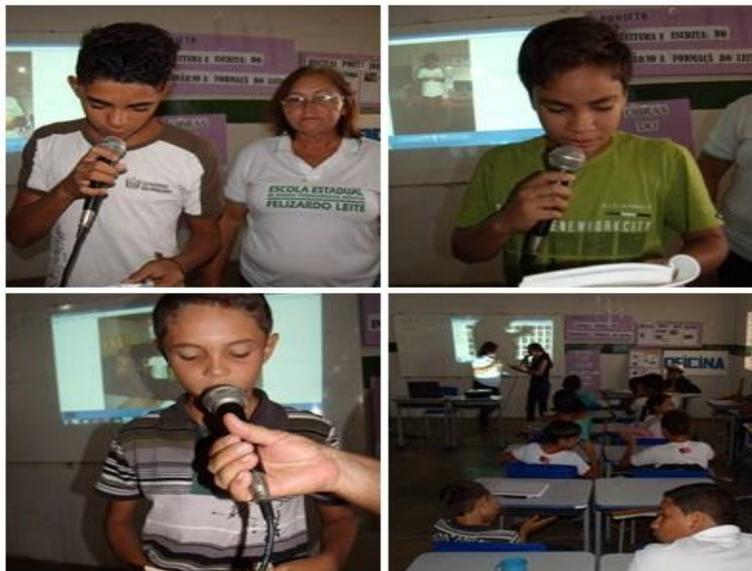


Figura 16 Imagens do recital.





Figura 17 Imagens da culminância



Figura 18 Imagens da Culminância

